

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

**DAVID
BROOKS**

**A
SEGUNDA
MONTANHA**

A Busca por uma Vida Moral



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	xv
PARTE I As Duas Montanhas	
UM Sistemas Morais	3
DOIS A Vida no Instagram	15
TRÊS A Estrela Insegura	23
QUATRO O Vale	29
CINCO O Deserto	43
SEIS Coração e Alma	49
SETE A Vida Comprometida	57
OITO A Segunda Montanha	65
Os Quatro Compromissos	
PARTE II Vocação	
NOVE O que É Vocação	93
DEZ O Momento da Anunciação	101
ONZE O que os Mentores Fazem	107
DOZE Problemas de Vampiros	115
TREZE Maestria	133

PARTE III Casamento

QUATORZE O Casamento Supremo	149
QUINZE Os Estágios da Intimidade I	159
DEZESSEIS Os Estágios da Intimidade II	167
DEZESSETE A Decisão do Casamento	179
DEZOITO Casamento: A Escola Construída Juntos	189

PARTE IV Filosofia e Fé

DEZENOVE Compromissos Intelectuais	203
VINTE Compromisso Religioso	217
VINTE E UM Uma Reviravolta Muito Inesperada	227
VINTE E DOIS Rampas e Muros	269

PARTE V Comunidade

VINTE E TRÊS Estágios da Construção da Comunidade I	281
VINTE E QUATRO Estágios da Construção da Comunidade II	299
VINTE E CINCO Conclusão: O Manifesto Relacionalista	315
NOTAS	331
ÍNDICE	339

PARTE I

As Duas Montanhas

AMOSTRA

UM

Sistemas Morais

QUANDO EU ERA UM JOVEM ESPECIALISTA EM TV, TRABALHEI COM JIM Lehrer, cofundador de um programa que agora é chamado de *PBS NewsHour*. Quando Jim estava no ar transmitindo as notícias, seu rosto ganhava um ar cordial, mas impassível, porque ele não achava que deveria fazer parte da história; as notícias deveriam ser a história. Mas, quando a câmera não estava nele, seu rosto era incrivelmente expressivo. Quando eu falava algo vulgar ou grosseiro em nosso segmento, via sua boca tensionar para baixo em desaprovação. Mas quando dizia algo útil, gentil ou divertido via seus olhos se apertarem de satisfação. Por dez anos trabalhando com um homem que eu admirava profundamente, tentei me comportar de forma a fazer com que seus olhos se apertassem, e não que sua boca se tensionasse.

Lehrer nunca precisou dizer formalmente como eu deveria me comportar, mas dessa forma sutil e silenciosa ele me treinou a satisfazer os padrões da *NewsHour* sobre o que é certo. E essas suas reações não eram só para mim; eram para todos da equipe, em todas as transmissões, ano após ano. Assim, ele criou o jeito de ser da *NewsHour*; um sistema moral em que certos valores eram priorizados e esperava-se um determinado comportamento. Já faz muitos anos que Lehrer se aposentou, mas a cultura instilada por ele define a *NewsHour* até hoje.

Todos somos criados com um ou outro sistema moral. Todos criamos microculturas em nosso entorno pela forma que levamos nossas vidas e as vibrações que emitimos a quem nos circunda. Um dos grandes legados que uma pessoa pode deixar é um sistema moral — um conjunto de crenças e comportamentos que sobrevivem depois de sua morte.

Alguns sistemas morais são locais, de uma casa ou escritório, mas outros são amplos e definem eras e civilizações inteiras. Os gregos e os romanos clássicos tinham seus códigos de honra com sua visão de fama imortal. No final do século XIX, artistas parisienses inventaram um código boêmio celebrando a liberdade individual e a criatividade indomada, enquanto na Inglaterra a moralidade vitoriana começava a se formar, com seus códigos rigorosos de propriedade e respeitabilidade. Os sistemas morais guiam sutilmente o modo de vestir, falar, o que admirar e desprezar, e como definir seu maior propósito.

Os sistemas morais são respostas coletivas aos grandes problemas de um momento específico. Por exemplo, por volta da metade do século XX, as pessoas residentes no hemisfério Norte enfrentaram a Grande Depressão e uma guerra mundial devastadora. Grandes problemas exigiram grandes respostas institucionais. As pessoas reuniram exércitos, formaram uniões, trabalharam em grandes empresas. Elas se uniram como nações em guerra. Portanto, desenvolveu-se uma cultura que enfatizava o cumprimento das obrigações, a adequação das instituições, a adaptação ao grupo, a obediência à autoridade, sem tentar se destacar ou ser muito convencido. Esse sistema moral centrado no grupo poderia ser resumido pela frase “Estamos Todos no Mesmo Barco”.

A essência dessa cultura foi bem descrita em um livro de Alan Ehrenhalt chamado *The Lost City* [“A Cidade Perdida”, em tradução livre], sobre algumas das comunidades de Chicago e das redondezas na década de 1950. Não havia muita ênfase na escolha individual naquela época. Se você fosse uma estrela do beisebol como Ernie Banks, não tinha a opção de ser um jogador independente, sem agente. Você passava sua carreira jogando no Chicago Cub. Se tivesse o sotaque, a cor da pele ou o gênero errado, provavelmente não conseguiria um emprego em um

dos edifícios chiques do centro da cidade. Mas as pessoas naquela época tendiam a ter ligações e conexões estáveis a um lugar. Elas cumpriam suas obrigações para suas instituições.

Se você fosse um homem morando no sul de Chicago, muito provavelmente seguiria os passos de seu pai e seu avô na fábrica da Nabisco, a maior fabricante de biscoitos do mundo na época, e se filiaria ao sindicato, a União Internacional de Trabalhadores de Panificação e Confeitaria.

As casas eram pequenas, não havia ar-condicionado e a TV ainda não era comum, então, quando o clima estava quente, a vida social era conduzida na frente de casa, nos becos e com crianças correndo de casa em casa o dia todo. Um jovem proprietário de uma casa acabava envolvido em uma série de atividades comuns que, como dito por Ehrenhalt, “apenas a pessoa reclusa mais determinada conseguiria escapar: churrascos, cafezinhos, jogos de vôlei, cuidar de crianças em conjunto e os constantes escambos de artigos domésticos”.

Se você fosse ao banco, iria ao banco local, o Talman Federal Savings and Loan. Se comprasse carne, iria ao açougue local, o Bertucci's. Sessenta e dois por cento dos norte-americanos naquela época se diziam membros ativos da igreja, e se você vivesse nesse bairro de Chicago frequentaria a St. Nick's Parish, onde ouviria o amável Padre Fennessy rezar a missa em latim. Você provavelmente colocaria seus filhos na escola paroquial local, onde eles sentariam em fileiras organizadas e estremece-riam sob a disciplina rígida do Padre Lynch.

Se gostasse de política, provavelmente não teria sucesso como freelancer. Mas poderia se juntar à máquina política de Boss Daley e prosperar, desde que você fizesse o que as autoridades mandassem. Por exemplo, John Fary serviu ao governo na legislação do estado de Illinois e quando completou 64 anos foi recompensado com uma cadeira no Congresso dos Estados Unidos. Quando questionado sobre o que faria se fosse eleito para o congresso, disse à imprensa: “Irei a Washington para ajudar a representar o Prefeito Daley. Representei o prefeito na assembleia estadual por 21 anos e ele sempre esteve certo.” Ele cumpriu sua obrigação.

O *éthos* nutria o tipo de vida comunitária rica que muitas pessoas anseiam atualmente. Se alguém perguntasse de onde você veio, você não responderia apenas “Chicago”, mencionaria o cruzamento específico que é o centro de sua vida: “Da Cinquenta e Nove com a Pulaski.” A cidade era uma coleção de vilas.

Esse sistema moral tinha muitas virtudes. Ele enfatizava a humildade, a discrição e a modéstia. A mensagem era que você não é melhor do que ninguém, mas ninguém é melhor do que você. Considerava que a vaidade — egoísmo, narcisismo — é a raiz de muitos males. Se você falasse muito sobre si mesmo, as pessoas poderiam chamá-lo de convencido e virariam a cara.

É claro que essa cultura tinha falhas, que no fim a tornaram intolerável. Esse sistema moral permitia muito racismo e antissemitismo. As donas de casa se sentiam presas e reprimidas, e as mulheres que trabalhavam enfrentavam barreiras assustadoras. Em 1963, Betty Friedan descreveu um problema ainda sem nome, que era o tédio esmagador e devastador das vidas de muitas mulheres. A cultura tinha uma definição emocionalmente fria da masculinidade; os homens tinham problemas em expressar seu amor pelas esposas e pelos filhos. A comida era muito sem graça. As pessoas se sentiam presas pela pressão da adequação ao grupo e eram torturadas pela tirania intolerante da opinião local. Muitas cumpriam os papéis sociais atribuídos a elas, mas estavam mortas por dentro.

Há uma cena no livro *Viajando com Charley* de John Steinbeck, de 1962, que captura como esse código comum prendia muitas pessoas em vidas estagnadas e infelizes. A jornada de Steinbeck pelo país com seu cachorro o levou a Chicago, e ele precisou de um hotel para tomar um banho e descansar. O único quarto que o gerente tinha disponível ainda não estava limpo, mas Steinbeck disse que ficaria nele mesmo assim.

Ao abrir a porta, ele vê a bagunça deixada pelo hóspede anterior. De um recibo de lavanderia largado, Steinbeck deduz que o residente anterior, a quem ele chamou de Harry Solitário, morava em Westport, Connecticut. Na mesa havia uma carta que ele começara a escrever para sua esposa no papel timbrado do hotel. “Queria que ocê [*sic*] estivesse

aqui comigo. Essa cidade é solitária. Você se esqueceu de colocar minhas abotoaduras na mala.”

Ainda bem que a esposa de Harry não fez uma visita surpresa. Tanto o copo quanto as bitucas de cigarro no cinzeiro tinham marcas de batom. O grampo de cabelo ao lado da cama revelava que a mulher que estivera no quarto era morena; Steinbeck começou a chamá-la de Lucille. Eles beberam uma garrafa inteira de Jack Daniel's juntos. O segundo travesseiro na cama fora usado, mas não para dormir — não tinha traços de batom. A mulher havia deixado Harry se embriagar, mas ela jogava seu uísque secretamente no vaso de rosas vermelhas na mesa.

“Imagino sobre o que Harry e Lucille conversaram”, escreve Steinbeck. “Imagino se ela o fez sentir-se menos solitário. De certa forma, eu duvido. Acho que ambos fizeram o que lhes era esperado.” Harry não deveria ter bebido tanto. Steinbeck encontrou embalagens de pastilhas antiácidas no lixo e dois pacotes de sal de frutas no banheiro. Não havia sinal de nada inesperado, Steinbeck escreveu, nenhum sinal de diversão real ou de alegria espontânea. Apenas solidão. “Eu me senti triste por Harry”, concluiu. Era isso que acontecia quando sua vida era sem graça e você servia a uma organização cruel. Você não só se sentia irrealizado, mas perdia até mesmo a capacidade de sentir alguma coisa.

Havia muitos comentários naquela época sobre o perigo sugador de almas da conformidade, de não ser nada mais do que um homem da organização, o homem no terno cinza, um caçador de status insensível. Havia uma sensação de que o grupo tinha aniquilado o indivíduo, e que as pessoas, reduzidas a um número, não tinham sentido de um eu autêntico.

SOU LIVRE PARA SER EU MESMO

Steinbeck publicou *Viajando com Charley* bem na época em que as pessoas começaram a se rebelar contra o sistema moral “Estamos Todos no Mesmo Barco” dos anos pós-guerra, que foi substituído por outro. O desfile de sistemas morais normalmente é uma história de progresso, uma resposta lógica à obsolescência que veio antes. Contudo, esse progresso é do tipo turbulento.

Muitas vezes acontece no padrão que a geógrafa Ruth DeFries chama de “engrena, ataca, gira; engrena”. As pessoas criam um sistema moral que as ajuda a resolver os problemas imediatos. Esse sistema funciona e a sociedade engrena em uma direção. Mas com o tempo ele fica cada vez menos relevante aos novos problemas que surgem. A cultura antiga fica mais rígida e os membros de uma contracultura a atacam. Há um período de tumulto e competição enquanto os defensores de diferentes ordens morais lutam para ver qual nova cultura prevalecerá. Nesses momentos — 1848, 1917, 1968, atualmente — é fácil ficar deprimido ou sentir que a sociedade está desmoronando. Há guerras gigantescas e muitas vezes brutais de consagração, batalhas sobre qual estilo de vida é mais admirado. Por fim, a sociedade gira e se acomoda a um novo sistema moral, um novo conjunto de padrões do que é certo e errado. Uma vez estabelecido, há uma nova engrenagem de progresso, e os tropeços do progresso seguem mais um passo a frente.

Quando a cultura muda, obviamente nem todo mundo muda de uma só vez. A sociedade é grande e diversa. Mas a média do comportamento muda. Alguns desejos e valores são priorizados e outros não. Algumas coisas anteriormente admiradas são desprezadas e coisas que antes eram marginais passam a ser admiradas.

Quero enfatizar quem conduz a mudança nesses momentos, pois é relevante ao momento em que estamos hoje. Não são os políticos que conduzem esse tipo de mudança, mas sim os ativistas morais e os pioneiros culturais. Aqueles que moldam os modos e as convenções morais são os verdadeiros legisladores da humanidade — eles exercem o maior poder e influência. Isso geralmente começa com uma subcultura. Um pequeno grupo de indivíduos criativos considera o sistema moral atual opressivo e alienante. Então voltam na história e atualizam o sistema moral antigo que parece fornecer um estilo de vida melhor. Criam um estilo de vida atraente para outras pessoas. Se você conseguir criar um movimento social do qual as pessoas queiram participar, elas entregarão suas energias e ideias a você.

Como disse Joseph Campbell em uma entrevista com Bill Moyers, há dois tipos de ação. Existe a ação física: o herói que realiza um ato de

bravura na guerra e salva uma vila. Mas também existe o herói espiritual, que descobre um jeito novo e melhor de experienciar a vida espiritual e volta para comunicá-lo a todos. Ou, nas palavras de Iris Murdoch: “O homem é uma criatura que imagina a si mesmo e então passa a se parecer com a imagem.”

Na década de 1960, pequenos grupos de jovens em comunas e comunidades hippie apropriaram-se da antiga cultura boêmia — sua preferência por cabelos compridos, juventude, rebeldia, revolução e liberdade sexual; sua rejeição por tudo o que era burguês. Com o passar do tempo, tornaram-se esquisitões de Woodstock, rebeldes, exploradores New Age e, por fim, boêmios burgueses. Vestiam-se e falavam de modo diferente dos Homens Organizacionais de 1950. Conduziam seus relacionamentos e organizavam suas vidas de maneiras diferentes.

O que um dia havia sido respeito pela autoridade se tornou rejeição. A discrição fora admirada, mas agora era a expressividade. A experiência fora venerada, agora a juventude era celebrada. A vida fora vista como um ciclo de gerações enraizadas em um só lugar, mas passou a ser vista como uma jornada estrada afora. Antigamente o *éthos* dominante era uma questão de cumprir com suas obrigações, mas agora a vida se tratava de cuidar de seus próprios problemas. Onde um dia o grupo tinha prioridade, agora ela era do indivíduo. Antes o dever era mais admirado, agora era a liberdade pessoal.

Nesse mesmo ano em que *Viajando com Charley* fora publicado, 1962, um grupo de estudantes radicais se encontrou em Port Huron, Michigan. Seu objetivo imediato era lutar contra o racismo no norte, mas acabaram tendo um impacto muito maior. Eles haviam formado recentemente a Students for a Democratic Society [Estudantes por uma Sociedade Democrática, em tradução livre] e escreveram a Declaração de Port Huron, que acabou sendo um ótimo indicador do sistema moral que estava por vir.

“O objetivo do homem e da sociedade deve ser a independência humana”, escreveram, “uma preocupação não apenas com a imagem da popularidade, mas com a descoberta do sentido pessoalmente autêntico para a vida... Esse tipo de independência não significa egoísmo indivi-

dualista — o objetivo não é simplesmente fazer as coisas do seu jeito, mas sim ter um jeito de fazer as coisas que é só seu”.

Basicamente, a contracultura dos anos 1960 se apropriou do individualismo que perambulou em contraculturas românticas por séculos e o transformou no modo convencional da vida moderna.

Se “Estamos Todos no Mesmo Barco” se tratava do grupo, esse novo sistema moral tratava da liberdade, da autonomia, da autenticidade. Você pode resumi-lo na frase “Sou Livre para Ser Eu Mesmo”. Esse *éthos* individualista, que também foi chamado de “egoísmo”, foi passado para os baby boomers direto do leite materno, e será drenado de cada parte de seus corpos pelo agente funerário. É uma narrativa de emancipação. A ideia era se libertar do dogma, da opressão política, do preconceito social e da obediência do grupo. Esse movimento tinha uma variante de direita — o indivíduo não deveria ser regulado economicamente — e uma variante de esquerda — o estilo de vida escolhido individualmente não deve ser regulado socialmente. Mas a questão era inteiramente sobre a emancipação individual.

Não quero passar muito tempo descrevendo essa cultura de individualismo, autenticidade, autonomia e isolamento, pois ela já foi brilhantemente descrita por muitos outros: Philip Rieff em *The Triumph of the Therapeutic* [“O Triunfo da Terapêutica”, em tradução livre]; Christopher Lasch em *A Cultura do Narcisismo*; Gail Sheehy em *Passagens*; Alasdair MacIntyre em *Depois da Virtude*; Tom Wolfe em “The ‘Me’ Decade” [A Década do ‘Eu’, em tradução livre]; Erica Jong em *Medo de Voar*; Charles Taylor em *A Ética da Autenticidade*; Robert Bellah em *Habits of the Heart* [“Hábitos do Coração”, em tradução livre]; e Robert Putnam em *Bowling Alone* [“Jogando Boliche Sozinho”, em tradução livre].

Só quero enfatizar que a marcha em direção à liberdade produziu vários resultados excelentes. A cultura individualista que emergiu nos anos 1960 quebrou muitas das correntes que reprimiam mulheres e minorias oprimidas. Afrouxou as amarras do racismo, do sexismo, do antissemitismo e da homofobia. Não teríamos o Vale do Silício ou toda a economia da era da informação sem o individualismo rebelde e as explosões de

criatividade que foram libertadas por essa cultura. Foi uma revolução cultural absolutamente necessária.

Mas muitas ideias se tornaram falsas quando foram levadas ao extremo. Os Estados Unidos sempre tiveram uma cultura mais individualista do que outros lugares, e isso foi notado por Tocqueville na década de 1830. Mas quando o individualismo é o *étbos* completamente dominante de uma civilização — quando não é equilibrado com qualquer outro *étbos* concorrente —, os indivíduos dentro dele têm liberdade máxima, mas as ligações entre eles se desfazem lentamente. A principal narrativa de “Sou Livre para Ser Eu Mesmo” tem se desenrolado por cerca de 50 anos. Ela evoluiu para uma cultura do hiperindividualismo. Esse sistema moral é baseado em uma série de ideias ou suposições. Listarei apenas algumas:

O eu protegido. O indivíduo autônomo é a unidade fundamental da sociedade. Uma comunidade é uma coleção de indivíduos que fazem suas próprias escolhas sobre como viver. A melhor organização social garante a maior liberdade de escolha individual possível. O princípio social central é “Tudo É Permitido, Desde que Não Prejudique Ninguém”. Cada indivíduo tem o direito de viver como quiser, desde que isso não interfira no direito das outras pessoas de viver como elas quiserem. A sociedade ideal é aquela em que as pessoas vivem desimpedidas, mas juntas, cada uma fazendo suas próprias coisas.

O Deus interno. O objetivo da vida é subir na hierarquia das necessidades de Maslow e alcançar a autorrealização e a autossatisfação. Ao fazer sua própria jornada pessoal, você aprende a expressar melhor seu eu único. Aprende a entrar em contato consigo mesmo, encontrar-se e viver de modo autêntico com quem realmente é. A principal fonte de autoridade está dentro de nós, basta ouvir a voz autêntica do Oráculo Oculto, permanecer fiel aos seus sentimentos e não se conformar com os padrões da sociedade corrupta externa.

A privatização do significado. É um erro simplesmente aceitar as ideias recebidas do mundo à sua volta. Você precisa criar seus próprios valores, sua própria visão de mundo. Como o juiz Anthony Kennedy colocou em uma famosa decisão da Suprema Corte: “No coração da li-

berdade está o direito de definir o próprio conceito de existência, de significado, de Universo e do mistério da vida humana.”

Não é trabalho das escolas, das comunidades ou mesmo dos pais criar uma ordem moral compartilhada. É algo que você deve fazer sozinho, e quem é você para julgar se a moral de outra pessoa é melhor ou pior do que a de qualquer outra?

O sonho da liberdade total. Em outras culturas, as pessoas são formadas e prosperam dentro de instituições que precedem a escolha individual — família, herança étnica, fé, nação. Mas elas são exatamente os tipos de instituições que a cultura do individualismo devora, pois não são escolhidas e, portanto, não parecem tão legítimas. Em uma cultura individualista, a melhor vida é a mais livre. A formação espiritual acontece em liberdade, não de maneira obrigatória.

A centralidade da realização. Em uma sociedade hiperindividualista, as pessoas não são avaliadas por como obedecem a um código moral compartilhado. Não são avaliadas pelo quanto imergiram em relacionamentos substanciais. Elas são avaliadas pelo que realizaram individualmente. O status, a admiração e ser amado vem depois da realização pessoal. O egoísmo é aceito, porque cuidar e promover a si mesmo é a missão principal. Não tem problema ser centrado em si mesmo, pois, em uma sociedade estruturada adequadamente, o egoísmo privado pode ser aproveitado para produzir bens públicos, como o crescimento da economia. Pesquisadores da Harvard Graduate School of Education perguntaram recentemente a 10 mil alunos de ensino fundamental e médio se seus pais se preocupavam mais com realizações pessoais ou se eram bondosos. Oitenta por cento disseram que seus pais se preocupavam mais com realizações pessoais — o sucesso individual antes dos relacionamentos.

Poderíamos acrescentar outras ideias à minha lista de características de uma cultura de sociedade hiperindividualista: o consumismo, uma mentalidade terapêutica, a preferência pela tecnologia à intimidade. O fato é que essas ideias, difundidas por meio século, dificultaram a vida conectada em comunidade.

O hiperindividualismo não é um problema novo. Ele vai e volta. Alguns anos atrás, li *Tribe* [“Tribo”, em tradução livre], de Sebastian Junger e me deparei com um fenômeno que me assombra desde então. Nos Estados Unidos do século XVIII, a sociedade colonial e a sociedade nativa norte-americana estavam lado a lado, infelizes. Com o passar do tempo, colonizadores europeus começaram a fugir para viver com os nativos. Nenhum nativo desertou para viver com os colonos. Isso incomodou os europeus, que supunham ter uma civilização superior, mas mesmo assim as pessoas expressavam claramente que preferiam o outro estilo de vida. Por fim, os colonos persuadiram os nativos a viver com eles, ensinaram inglês aos nativos, mas eles voltaram rapidamente para casa. Durante as guerras com os índios, muitos colonos europeus viraram prisioneiros e foram mantidos em tribos indígenas. Eles tiveram muitas oportunidades de fugir e retornar, mas não o fizeram. Quando os europeus chegavam para “resgatá-los”, eles fugiam para a floresta e se escondiam de seus “salvadores”.

A diferença era que as pessoas nas tribos indígenas tinham uma cultura comunal e ligações próximas. Viviam em uma cultura espiritual que via toda a criação como uma unidade única. Os europeus tinham uma cultura individualista e eram mais separáveis. Quando receberam a oportunidade de escolha, muitas pessoas preferiram a comunidade ao individualismo. A história me fez pensar que é possível que toda uma sociedade se coloque em uma situação fundamentalmente desordenada.

Sempre há uma tensão entre o eu e a sociedade. Se as coisas estão muito ligadas, então o desejo de se rebelar é forte. Mas temos o problema oposto. Em uma cultura “Sou Livre para Ser Eu Mesmo”, os indivíduos são solitários e têm conexões fracas. A comunidade é atenuada, as ligações são dissolvidas e a solidão se espalha. Essa situação dificulta ser uma pessoa boa — satisfazer os desejos humanos profundos de amor e conexão. É difícil para pessoas de todas as idades, mas é especialmente difícil para jovens adultos. Eles são jogados em um mundo desestruturado e incerto, com poucas autoridades ou seguranças, exceto pelas que se espera que construam sozinhos. Entre outras coisas, fica fenomenalmente difícil se lançar para a vida.

A Vida no Instagram

TODA SOCIEDADE TEM UM MODO DE TRANSMITIR SEUS VALORES AOS JOVENS. Algumas fazem isso por meio de festivais religiosos ou desfiles militares. Uma das maneiras que fazemos isso é por intermédio de um sermão secular chamado discurso de formatura.

Normalmente, as universidades pedem que uma pessoa eminente por sua fantástica carreira de sucesso faça um discurso em que afirme que o sucesso na carreira não é tão importante. Então, esses indivíduos fenomenalmente realizados dizem aos seus públicos que não tenham medo de fracassar. A partir disso, os jovens aprendem que o fracasso pode ser maravilhoso — desde que você seja J. K. Rowling, Denzel Washington ou Steve Jobs.

Mas essa lição não é o único conselho que oradores de meia-idade dão a jovens adultos. Usamos esses discursos para transmitir os valores dominantes de nosso tempo, que são entregues como se fossem presentes sensacionais. Mas acontece que esses presentes são grandes caixas vazias.

Muitos jovens estão se formando no limbo. Flutuando atormentados pela incerteza, querem saber exatamente o que precisam fazer com suas vidas. Então entregamos a eles uma grande caixa vazia de liberdade! O propósito da vida é ser livre. A liberdade leva à felicidade! Não vamos

impor nada nem vamos dizer o que você deve fazer. Damos seu eu liberto para que você o explore. Aproveite sua liberdade!

Os alunos na plateia deixam a caixa vazia de lado porque estão afogando-se em liberdade. O que eles querem é uma orientação. De que serve a liberdade? Como sei qual é o meu caminho?

Então entregamos a eles outra grande caixa vazia — a grande caixa de possibilidades! Seu futuro é ilimitado! Você pode fazer tudo o que desejar! A jornada é o destino! Arrisque-se! Seja ousado! Sonhe alto!

Mas o mantra também não os ajuda. Se você não sabe para que serve a sua vida, como saber que seu futuro é ilimitado pode ser útil? Isso só aumenta a pressão. Então eles deixam essa caixa de lado. Eles buscam uma fonte de sabedoria. Onde posso encontrar as respostas para minhas grandes perguntas?

Então entregamos a eles a caixa vazia da autenticidade: procure dentro de si! Encontre sua paixão verdadeira. Você é incrível! acorde o gigante dentro de si! Viva de acordo com suas próprias verdades! Cuide de você mesmo!

Isso também é inútil. O “você” que falamos para consultar e obter as respostas da vida é exatamente o que não está formado ainda. Então eles deixam essa caixa de lado e perguntam: “A que posso me dedicar? Qual causa me inspirará e dará sentido e direção à minha vida?”

A essa altura damos a eles a caixa mais vazia de todas — a caixa da autonomia. Você está por conta própria, dizemos a eles. Você é quem define seus próprios valores. Ninguém mais pode lhe dizer o que é certo ou errado. Sua verdade deve ser encontrada do seu jeito no decorrer de sua história que você mesmo deve contar. Faça o que ama!

Você notará que nossas respostas pegam todas as dificuldades de viver em seus 20 anos e as torna piores. Os formandos estão no limbo e damos a eles a incerteza. E não temos nada a dizer exceto por: descubra sozinho com base em nenhum critério externo a você mesmo. Eles estão perdidos em um deserto sem forma. Nós não só não damos uma bússola para eles, mas também pegamos um balde de areia e despejamos em suas cabeças!

Kierkegaard resumiu a pergunta que esses formandos realmente estão fazendo: “O que eu realmente preciso é ter certeza *do que devo fazer*;

não do que devo saber... É uma questão de encontrar uma verdade que seja válida *para mim*, de encontrar *a ideia pela qual estou disposto a viver e morrer*... É disso que minha alma tem sede, assim como os desertos africanos têm sede de água.”

Como é que não temos nada a dizer sobre a maior pergunta de todas?

A GRANDE TRAVESSIA PARA LUGAR NENHUM

Quando você é um aluno, a vida vai de parada em parada. Existe sempre a próxima tarefa, a próxima prova, as próximas inscrições para estruturar o cronograma e as energias do aluno. A vida social tem seus dramas, mas pelo menos está lá, bem na sua frente, no refeitório ou no dormitório.

Então, a partir da infância mais estruturada e supervisionada da história da humanidade, você é cuspidor, depois da graduação, no início da idade adulta menos estruturada da história da humanidade. Os pais, professores, treinadores e conselheiros de ontem estavam todos acompanhando o seu progresso e torcendo por você. Hoje o banho de aprovações acaba. O mundo não sabe o seu nome nem se preocupa com quem você é. A pessoa do outro lado da mesa em cada entrevista de emprego tem uma atitude distante digna de Kanye West — existe um milhão de pessoas iguais a você, mas há apenas um de mim.

Nos séculos passados, os adultos emergentes assumiam os empregos, as fés, as cidades e as identidades de seus pais. Mas na era do “Sou Livre para Ser Eu Mesmo” espera-se que você encontre seu próprio plano de carreira, sua própria tribo social, suas próprias crenças, valores, parceiros de vida, papéis de gênero, pontos de vista políticos e identidades sociais. Como estudante, seu foco era primeiramente no curto prazo, mas agora você precisa de um conjunto de habilidades de orientação diferente, para os objetivos mais distantes aos quais passará a conduzir a sua vida.

O norte-americano médio tem 7 empregos dos 20 aos 30 anos. Um terço dos recém-formados está desempregado, em um subemprego ou ganhando menos de US\$30 mil por ano em qualquer momento determinado. Metade acha que não tem planos para a vida, e quase metade das pessoas na faixa dos 20 anos não teve parceiro sexual no ano passado.

Esses são os anos auge do alcoolismo e do vício em drogas. Pessoas nesse estágio da vida se mudam a cada 3 anos. Quarenta por cento voltam para a casa dos pais pelo menos uma vez. São muito menos propensos a frequentarem celebrações religiosas ou se filiar a um partido político.

Pessoas em seus anos de odisséia tendem a ser insanamente otimistas sobre o futuro distante. Noventa e seis por cento dos jovens entre 18 e 24 anos concordam com a afirmação “tenho certeza de que um dia alcançarei meus objetivos de vida”. Mas o presente é marcado por divagações, solidão, desapego, dúvidas, subempregos, corações partidos e chefes ruins, enquanto seus pais enlouquecem lentamente.

O ESTILO DE VIDA ESTÉTICO

Algumas pessoas se formam na universidade com a mentalidade de aventureiros audaciosos. Essa é a hora de se divertir antes que a vida real seja estabelecida. Casar e ter um emprego de verdade serão coisas que só baterão à porta quando tiverem 35 anos. Enquanto isso, elas terão experiências.

Essas são as pessoas que, aos 23 anos, vão dar aulas de inglês na Mongólia ou fazem viagens de rafting no Colorado. Esse curso audacioso tem suas vantagens. Seu primeiro emprego depois da universidade provavelmente será ruim de qualquer forma, então, como aconselha a investidora de impacto Blair Miller, você pode muito bem usar esse período para ampliar seus horizontes de risco. Se fizer algo completamente maluco, depois disso saberá para sempre que pode lidar com certa quantidade de loucura, e sua abordagem da vida para todas as décadas a partir de então será mais corajosa. Além do mais, você construirá o que a psicóloga clínica Meg Jay chama de “capital de identidade”. Em toda entrevista de emprego e em todo jantar nas próximas três décadas, alguém perguntará como foi dar aulas de inglês na Mongólia e isso o destacará.

Essa é uma maneira excelente de começar seus 20 anos. O problema com esse tipo de vida só fica evidente alguns anos mais tarde se você não se decidir por uma coisa só. Se você concordar com tudo ano após ano, acabará levando o que Kierkegaard lamentou como um estilo de vida

estético. A pessoa com esse estilo de vida a conduz como se fosse uma obra de arte, julgando-a por critérios estéticos — ela é interessante ou enfadonha, bonita ou feia, prazerosa ou dolorosa?

Tal pessoa agenda um retiro de meditação aqui, uma ida ao Burning Man ali, uma bolsa de estudos em um ano e outra no ano seguinte. Faz dança de salão um dia, spinning duas vezes por semana, Krav Magá durante alguns anos, Bikram Yoga por mais alguns meses, e de vez em quando visita uma galeria de arte descolada no domingo à tarde. Seu feed do Instagram será incrível e todo mundo achará que você é a pessoa mais legal do mundo. Você diz a si mesmo que realmente se importa com os relacionamentos — marcando encontros para tomar uns drinques e almoçar —, mas, depois de 20 encontros em uma semana, esquece a que todos eles deveriam se resumir. Você tem milhares de conversas e não se lembra de nenhuma.

O problema é que a pessoa na fase do estilo estético vê a vida como possibilidades a serem experienciadas e não projetos a serem realizados ou ideais a serem vividos. Ela analisará tudo, mas nunca escolherá nada. No modo estético de vida, cada dia isolado é divertido, mas não parece acrescentar nada.

A teoria por trás dessa vida é que você deve acumular experiências. Mas, se viver a vida como uma série de aventuras sequenciais, andar sem rumo na indeterminação de seus próprios sentimentos passageiros e de seu próprio coração instável. A vida será uma série de momentos temporários, não um fluxo de acumulação de realizações. Você exaurirá suas forças, espalhando-as em todas as direções. Será atormentado pelo medo de perder alguma coisa. Suas possibilidades são ilimitadas, mas seu cenário de tomada de decisão é extremamente insosso.

Como disse Annie Dillard, você passa seus dias como passa sua vida. Se passa seus dias meramente consumindo experiências aleatórias, começará a se sentir como um consumidor disperso. Se quiser experimentar tudo o que existe no corredor do mercado da vida, você se transforma em um selecionador, o tipo de pessoa obcecada que está sempre pensando em si mesma e em suas escolhas e acaba paralisada pela autoconsciência.

Nosso entusiasmo natural nos treina a agradar outras pessoas, a lhes dizer sim. Mas se você não nega nada permanentemente, não desiste de nada, então provavelmente não está mergulhando completamente em nada também. Uma vida de comprometer-se significa milhares de “não” pelo bem de poucos e preciosos “sim”.

Quando várias pessoas passam por essa mesma fase ao mesmo tempo, acabamos com uma sociedade em que tudo flui. No que o filósofo polonês Zygmunt Bauman chama de “modernidade líquida”. Na era do smartphone, os custos do atrito envolvido em realizar ou perder qualquer transação ou relacionamento se aproxima de zero. A internet ordena que você clique e experimente uma coisa em seguida da outra. Viver online geralmente significa viver em um estado de distração. Quando vivemos distraídos não estamos profundamente interessados nas coisas; só estamos entediados em um ritmo mais frenético. A vida online é saturada com dispositivos de descomprometimento. Se você não consegue concentrar sua atenção por 30 segundos, como diabos conseguirá se comprometer pela vida toda?

Essa é a vida na vertigem da liberdade. Ninguém sabe em que pé está um com o outro. Todo mundo tem certeza de que a vida das outras pessoas é melhor. A comparação é a ladra da alegria.

Depois de vários anos buscando alternativas abertas, não é que você perca o fio da meada do significado da sua vida; você tem problemas até em se concentrar na pergunta. O romance épico *Graça Infinita*, de David Foster Wallace, é uma descrição dessa atitude mental distraída. É sobre um filme tão “fatalmente interessante” que todos se transformam em zumbis hipnotizados. As grandes questões da vida foram substituídas pelo entretenimento. O próprio romance incorpora a mente da pessoa terminalmente distraída, com frases se enrolando e amontoando umas sobre as outras, pensamentos surgindo aqui e ali. Neste mundo, todo mundo está tão animado e entretido, mas isso não significa que está progredindo.

Wallace pensou que o jeito de lutar contra tudo isso era focar sua atenção individual — por meio de um tipo de uma determinação ferrenha. “Aprender a pensar realmente significa aprender a exercer certo controle sobre como você pensa”, Wallace disse aos formandos de Kenyon College em seu famoso discurso. “Significa estar consciente e atento o bastante para escolher a que prestar atenção e como construir um significado a partir da experiência. Porque, se você não puder exercer esse tipo de escolha na vida adulta, estará totalmente acabado.”

Mas a solução de Wallace não é realista. Quando você está distraído, liberto de comprometer-se reais, focar sua atenção é exatamente o que não consegue fazer. Sua mente está dispersa e à mercê de outros estímulos. Não se iluda em pensar que é corajoso o bastante ou capaz o suficiente para enxergar as partes mais profundas e importantes de si mesmo. Uma das razões de estar com pressa é porque está correndo de si mesmo.

Você sabe que em algum momento deverá sentar e encontrar uma direção geral para sua vida. Mas a mente quer vagar das grandes questões substanciais, que são completamente assustadoras e irrespondíveis, para os docinhos divertidos que estão no seu celular — a pequena dose de dopamina.

Tudo isso indica uma direção: a valeta. A pessoa que se forma e busca um padrão de vida estético normalmente sai dos trilhos. Só então percebe a verdade que ninguém nunca lhe contou: a liberdade é uma droga.

A liberdade política é ótima. Mas a liberdade pessoal, social e emocional — quando se transforma no principal fim — é uma droga completa. Ela leva a uma vida aleatória e conturbada sem uma direção discernível, sem base sólida e na qual, como Marx diz, tudo o que é sólido se desmancha no ar. Acontece que a liberdade não é um oceano no qual você quer passar sua vida toda. A liberdade é um rio que você quer atravessar para se enraizar do outro lado — e se comprometer completamente a alguma coisa.